

# RODRIGO GOMES ENTRE AS PEDRAS HÁ VERDE



**Inauguração dia 12 setembro, 19h**  
**Exposição até 11 outubro | Seg. a sex. 11h – 19h**  
Espaço Camões da Livraria Sá da Costa  
Praça Luís de Camões, 22, 4º andar, Lisboa

Uma aparição fosforescente  
Translúcida aos meus olhos cegos  
Cintila à luz do céu nocturno  
As estrelas brilham através dele  
luminosas como uma vela mágica.

Chroma, Derek Jarman

Nas suas *Anotações sobre as Cores*, Wittgenstein debruça-se sobre os conceitos de claridade e escuridão e os jogos de linguagem que podem existir entre estes dois conceitos quando os comparamos enquanto características de determinados objetos. Ao referir-se a Goethe, e a à sua *Teoria das Cores* (afirmando não ser teoria alguma), menciona que para este era irrefutavelmente claro que “nada de brilhante pode provir da escuridão - tal como mais e mais sombras não produzem luz”<sup>1</sup>. Pareceu-me curioso deparar-me com esta passagem pouco tempo depois de o Rodrigo me falar de uma peça que tinha produzido, uma caixa que continha um desenho de tinta fosforescente, relevando somente a sua luminosidade na escuridão. Também nesta exposição encontramos um conjunto de esculturas em que a carência de luz provoca mutações revelando superfícies de corporalidades autorreflexivas. Este fenómeno que se deve à absorção de luz, permite a existência de uma iluminação autónoma na sua ausência, deixando a descoberto uma nova face da peça. Enquanto espectadores somos assim levados a aguardar o vazio para redescobrir as obras de Rodrigo Gomes.

De facto, a sensação de descoberta é constante nesta exposição, manifestando-se na matéria, nos sons e na imagem que compõem o universo criado pelo artista, no qual objetos escultóricos orgânicos se cruzam com sonoridades espaciais, retiradas de arquivos da NASA, reorquestradas para voltarem a ser decifradas em conjunto com novas formas e substâncias, que referenciam ações passadas. A presença da ação manual aplicada na construção da peça, que constitui uma realidade háptica, convive com os vestígios de descobertas tecnológicas que assim dão origem a narrativas alternativas.

O próprio processo artístico de Rodrigo Gomes se relaciona com processos de exploração, que ecoam tanto nos sons como nas imagens de estática em projeção. Recordo-me de em meados de agosto ter recebido um e-mail do Rodrigo que, entre outros assuntos, terminava com a seguinte questão: “Sabias que uma pequena percentagem da imagem estática/do ruído branco provém do início do universo?”, seguido de um link para um artigo sobre a radiação cósmica de fundo - uma radiação eletromagnética considerada o remanescente de um estágio inicial do universo, incorporada agora nestas peças. Estas projeções em conjunto com as gravações realizadas em odisséias espaciais e os materiais translúcidos e fotoluminescentes remetem-nos a uma cenografia fictício-científica, pontuada por encontros entre o tecnológico e o manual, a realidade e a ficção, o natural e o artificial, o material e o conceptual todos estes marcados por um forte cunho de modelação, que o artista concretiza agora em ação através da performance.

**Joana Leão, setembro 2019**

---

<sup>1</sup> Wittgenstein, Ludwig, *Anotações Sobre as Cores*, Edições 70, pág. 33.

**Rodrigo Gomes** (Faro, 1991), vive e trabalha em Lisboa.

Mestrado em Arte Multimédia na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, pós-graduação em Arte Sonora na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2015-2016), Licenciatura em Arte Multimédia com especificação em Escultura na Universidade de Évora (2012-2015).

Em outubro de 2019 irá participar no Satellite Art Show, em Nova Iorque, com o trabalho "Jardim Ultravioleta". Em maio deste ano, participou com a mesma obra na 18ª Bienal de Media Art WRO 2019, em Wrocław, Polónia.

Realçam-se as suas exposições individuais "Mamografias por Satélite", no The Room, Lisboa (2019) e "Como depositar imagens no banco", na Appleton [BOX] (2018).

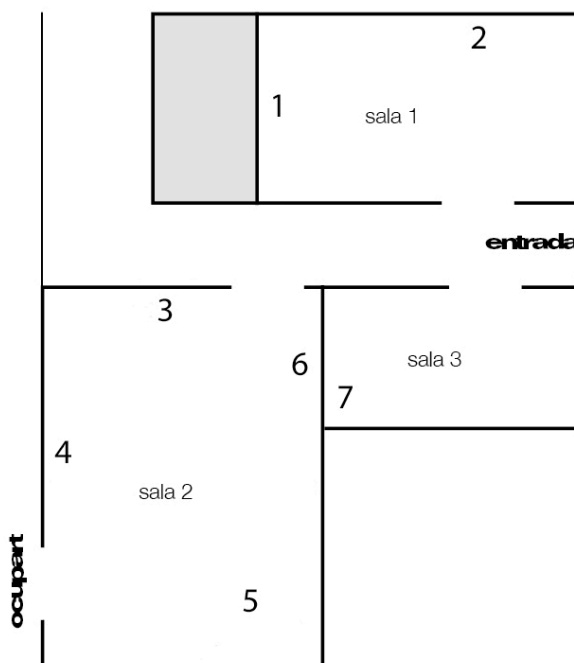
Participou nas seguintes exposições coletivas: "Maker Art – The New Art Fest'18", na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa (2018); FUSO – Anual de vídeo arte, Lisboa (2018); no prémio SONAE Media Art, no Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado (2017); "Viga Goiva Maço", na Galeria Quadrum (2017); Mostra (2017) e "Festival Múltiplo", na Zaratan (2016).

Co-fundou o Núcleo de Artes Visuais de Évora, na Escola de Artes da Universidade de Évora (2013) e co-criou a Galeria T10 (2014), na mesma instituição. Produziu concertos multimédia, tais como no Festival da Pedreira dos Sons, com a Orquestra Sinfónica da Universidade de Évora (2014) e no projeto coletivo de vjing e videomapping de música eletrónica "Dejavú", com Fábio de Carvalho (2014-2015). Participou na residência artística RésVés na aldeia de Alte (2016), "Utopia" nas Oficinas do Convento de Montemor-o-Novo (2015) e LUZ3 na Aldeia da Luz (2013).

Em 2017 ganhou o "Prémio Sonae Media Art" e em 2018 o "Prémios Novos – Categoria Artes Plásticas". Em 2019 é bolseiro à internacionalização artística pela Fundação Calouste Gulbenkian e recebeu a Distinção de Mérito Municipal - Prémio Jovem Revelação, pela Câmara Municipal de Silves.

O seu trabalho encontra-se representado na coleção do MNAC-Museu do Chiado, na coleção Figueiredo Ribeiro e noutras coleções particulares.

[www.rodrigogomes.xyz](http://www.rodrigogomes.xyz)



1. **Static**, 2019  
Acrílico, alumínio, ferro, tinta fotoluminescente; vídeo HD, estéreo, *loop*, cor, 06:02"; 167x103x73 cm
2. **Fitoplâncton**, 2019  
Acrílico, lente lenticular, tinta fotoluminescente; vídeo HD, mudo, *loop*, cor, 01:25:04"; 7.5x15.5x9.5 cm
3. **Palmilha**, 2015  
Madeira, cola, verniz, MDF; 28.5x49x2 cm
4. **White Noise**, 2019  
Acrílico colado e polido; 56x47.5x13 cm
5. **XYZ**, 2018  
Madeira, cola e verniz; 93x74x2 cm
6. **Tripofobia**, 2019  
Tubo de acrílico; 25x10.5x7 cm
7. **QR Code**, 2019  
Acrílico, espelho acrílico, metacrilato, tinta refletora; vídeo HD, mudo, *loop*, P&B, 02:50"; 23x27x9 cm